



**A IMPORTÂNCIA DO TREINO PARENTAL NA PSICOTERAPIA
COMPORTAMENTAL INFANTIL**

Mayra Manzutti Garcia¹; Tatiana de C. R. Netto²; Jacqueline Araújo de Souza³.

¹Graduanda do curso de Psicologia; Centro de Ciências Humanas, Universidade do Sagrado Coração, Bauru, mayra-manzutti@hotmail.com

²Docente do curso de Psicologia, Centro de Ciências Humanas, Universidade do Sagrado Coração, Bauru, taty_psy@yahoo.com.br

³Docente do curso de Psicologia, Centro de Ciências Humanas, Universidade do Sagrado Coração, Bauru, asouzajacqueline@gmail.com

Este trabalho objetiva apresentar o estudo de caso de um paciente do sexo masculino, com oito anos de idade, atendido no estágio de processos clínicos, na abordagem analítico comportamental, durante os dois semestres de 2017. O paciente foi encaminhado pelo hospital em que fazia tratamento fonoaudiológico com a queixa de que o mesmo não aderiria ao tratamento devido à dificuldade de comunicação com as técnicas responsáveis, de modo que o impossibilitava a obter ganhos com o tratamento. O paciente apresentou um repertório social bastante seletivo para interagir com as pessoas, se comunicando, principalmente, com familiares e amigos próximos, o que sugeriu uma hipótese diagnóstica de mutismo seletivo. Apresentou também como queixa comportamentos de birra, choro excessivo, irritabilidade, agressividade, baixa tolerância a frustração e dificuldades para expressar sentimentos e pensamentos. O objetivo da intervenção, foi compreender quais fatores estavam influenciando no surgimento e manutenção da queixa, bem como encontrar estratégias de modificação do ambiente e comportamentos-alvo. Ao todo, foram realizados 25 atendimentos, semanalmente, com duração média de 50 minutos. Os atendimentos dividiram-se entre sessões lúdicas e treino parental, realizado com o pai da criança. As atividades lúdicas se constituíram de jogos de tabuleiro, mímica, amarelinha, dominó, caça ao tesouro, leitura de livros, além de jogos de perguntas e respostas com o auxílio de recurso audiovisual, de modo que atendessem as necessidades do paciente. No início do processo foram levantados o histórico de vida do paciente, os déficits, excessos e reservas comportamentais do mesmo como forma de orientar e direcionar a intervenção. Durante todo o processo foi importante fazer o uso da análise funcional como forma de compreender as contingências que mantinham os comportamentos-alvo, possibilitando, deste modo, modificar as variáveis das quais estes comportamentos eram função. Uma das variáveis que influenciaram no surgimento da queixa foi que o paciente nasceu com a Síndrome de Pierre Rubin, e desta forma, desde muito novo passou por processos cirúrgicos e internações, o que ocasionou em uma superproteção por parte dos pais, dificultando o estabelecimento de regras e limites e viabilizando o reforço de comportamentos indesejados. Os resultados preliminares apontam para melhor manejo dos pais no controle mais eficaz do ambiente do paciente. Houve diminuição significativa na frequência dos excessos comportamentais, como comportamentos de birra, choro, agressividade e irritabilidade. Notou-se aumento na frequência de comportamentos adequados no ambiente hospitalar e domiciliar, além do seguimento de regras estabelecidas e no aumento de repertório sociais em diferentes contextos, como a igreja. Conclui-se que a psicoterapia comportamental infantil, juntamente com a

orientação de pais são intervenções eficazes no que se refere à modificação de ambiente e comportamentos-queixa, diminuindo as perdas e maximizando os ganhos tanto do paciente, quanto dos seus familiares, viabilizando assim, maior bem-estar e qualidade de vida para todos.

Palavras-chave: Psicoterapia comportamental infantil. Mutismo seletivo. Treino parental.